

## **RASTROS LUSITANOS EM JORNAIS PARAENSES DO SÉCULO XIX**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Germana Maria Araújo Sales<sup>1</sup> (UFPA)  
Doutoranda Maria Lucilena Gonzaga Costa<sup>2</sup> (UFPA)

### **Resumo:**

*A liberação de impressão no país, em 1808, propiciou um maior desenvolvimento das letras e melhores perspectivas à nação que estava se firmando através de movimentos e rebeliões que reivindicavam independência de Portugal. Nesse contexto, a chegada da imprensa no Grão-Pará, em 1822, promoveu um número considerável de jornais que veicularam ao longo do século XIX. Nesses jornais, buscamos perquirir o registro da persistência e da permanência da cultura portuguesa na Província do Grão-Pará, haja vista essa região apresentar em sua historiografia fatos e circunstâncias peculiares e adversas às demais províncias do Brasil, o que nos faz acreditar que tenha havido nessa província um forte apelo da elite paraense e da portuguesa à manutenção dos laços lusos, uma vez que ela tinha maior contato e proximidade com as terras portuguesas do que com as demais regiões do Brasil.*

**Palavras-chave:** Jornal, Literatura, Século XIX.

### **1 Lusitanos em Terra Brasilis**

A transferência da corte portuguesa para a colônia brasileira ocasionou transformações em várias províncias, mormente o Rio de Janeiro, afinal, ambientar e adaptar esse território aos moldes e costumes portugueses era necessário para que a realeza não padecesse na terra recém-chegada.

Dentre as adaptações feitas na Colônia vale sublinhar o surgimento da imprensa, em 1808, cuja contribuição foi preponderante para o desenvolvimento político, cultural e intelectual dos brasileiros, leitores principalmente de jornais, veículo impresso mais difundido, no período.

Assim sendo, o Rio de Janeiro tornou-se, além de sede do governo, a capital literária onde se desencadeou intenso movimento de imprensa, no qual se misturavam literatura e política, junção relevante para a profissionalização do escritor no Brasil. Conforme Francisco M. P. Teixeira, a presença de intelectuais e artistas estrangeiros favoreceu os ares europeus adquiridos pela cidade:

Não foram poucos, é certo, os benefícios que o Rio recebeu com a presença da Corte portuguesa – equivalentes, aliás, aos imensos problemas criados com a sua instalação. Academias Militares, Academia de Belas Artes, Escola de Medicina, Biblioteca Real, Impressão Régia, Museu Real, Jardim Botânico, circulação de jornais etc. Isso e mais a presença de intelectuais e artistas estrangeiros ajudaram a dar à cidade ares mais europeus, mais civilizados. (TEIXEIRA, 2000. p.119)

---

<sup>1</sup> Germana Maria Araújo SALES, Professora do Programa de Pós-graduação em Letras/Universidade Federal do Pará (UFPA) – [gmaa.sales@gmail.com](mailto:gmaa.sales@gmail.com)

<sup>2</sup> Maria Lucilena Gonzaga COSTA TAVARES, Doutoranda em Estudos Literários/Universidade Federal do Pará (UFPA) – [marialucilena@yahoo.com.br](mailto:marialucilena@yahoo.com.br)

A Família Real cultivava os costumes europeus. Assim, foi fundada a Biblioteca Nacional e com ela, importados milhares de livros para suprir a necessidade da realeza que, embora estivesse do outro lado do Atlântico, mantinha hábitos de leitura e **civilidade** europeus.

A liberação de impressão no país propiciou um maior desenvolvimento das letras e melhores perspectivas à nação que estava se firmando através de movimentos, de rebeliões que reivindicavam a Portugal independência do Brasil, como ressalta Nelson Werneck Sodré:

O desenvolvimento da imprensa não ocorreu apenas na Corte e em função das lutas nela travadas. Estendeu-se por todo o país, particularmente nas províncias em que as lutas políticas alcançaram nível mais alto, interessando profundamente, em alguns casos e episódios, camadas muito mais amplas do que teria sido possível supor à base dos choques meramente eleitorais. (...) O setor mais importante da imprensa da época viria a ser, com as rebeliões, o que estava ligado, nas províncias, aos movimentos que nelas surgiram. (...) Em todas encontrou-se, entretanto, o sulco profundo dos papéis impressos, o clarão das pregações, a nota das ideias que buscavam multiplicar influências, abalar situações, mobilizar a opinião. É surpreendente que a história desses movimentos de rebeldia não tenha aproveitado, até agora, e via de regra, esse material informativo extraordinariamente rico e esclarecedor – o dos jornais. (SODRÉ, 1983. p. 128 -130)

Importa mencionar que na província paraense deu-se o mesmo processo, haja vista influências de ideologias revolucionárias que movimentaram os estudantes locais na propagação da imprensa.

## **2 Imprensa Cabana?!**

A chegada da imprensa no Pará ocorreu com Felipe Alberto Patroni Martins Maciel Parente (1794 - 1866), paraense, estudante em Coimbra e partidário da revolução liberal do Porto, fundou, em 22 de maio de 1822, o primeiro jornal do Estado, intitulado *O Paraense*, cujo objetivo era a divulgação de constitucionalização, liberdade, e autonomia diante do domínio português.

Segundo Carlos Roque (2001), não é de se espantar o grande número de publicações ocorridas no período imperial em Belém, pois o período era favorável à circulação de jornais de momentos ou em defesa de alguma causa:

Se dermos o número de 250 para a média dos jornais, revistas e outras publicações que circularam em Belém no período imperial, muita gente vai ficar surpresa. E não sem motivo: afinal, a imprensa ter tanta vida, tanta influência em uma cidade pequena como a nossa, pobre, isolada dos grandes centros, quase sem escolas, com uma população iletrada, reduzidíssima, é, sem dúvida, motivo de surpresa. Embora dessas duas centenas e meia de publicações, a grande maioria se constituísse de jornais de momento, ou seja, de comemorações a um fato, a uma data, ou ainda para circular duas ou três vezes, em defesa de uma causa política ou religiosa. (ROQUE, 2001. p. 63)

Com efeito, é importante destacar que a imprensa paraense nasceu sob um influxo ideológico e constituiu-se a partir de posicionamentos políticos. Assim sendo, entre o número considerável de jornais que veicularam naquele período é pertinente citar que o primeiro jornal diário de Belém foi o *Diário do Gram-Pará*, vindo a lume em 1853. Segundo Clóvis Meira, “O jornal *Diário do Gram-Pará*, matutino, noticioso e político, possibilitou a divulgação de trabalhos produzidos pelos jovens e que não chegaram a ser coletados em livros” (1990, p. 71). Daí a pertinência de investigação não apenas nesse, mas em outros jornais diários coetâneos. Socorro Barbosa assinala que:

Estabelecer relações entre o que circulou nos jornais da Corte e nos das províncias é outra possibilidade bastante significativa proporcionada pela pesquisa nos jornais e periódicos. Aliás, elas são inúmeras e podem fornecer ao historiador da leitura aproximações mais verdadeiras das práticas de leitura e do gosto desses leitores, além de tornar mais convincentes as generalizações. (BARBOSA, 2007. p. 80)

Reiterando a afirmação da autora, há que se estabelecer relação/comparação entre os jornais publicados na província do Grão-Pará e alguns jornais portugueses a fim de verificar se tais publicações compartilhavam a mesma ideologia de manter o império literário e cultural advindos da nação portuguesa.

### **3 Rastros Lusitanos em Terras *Parauaras***

O interesse na investigação de tal assunto deu-se pelo fato de que a Província do Grão-Pará apresenta em sua historiografia fatos e circunstâncias peculiares e adversas às demais províncias do Brasil, entre os quais podemos sublinhar primeiramente a Adesão do Pará à Independência do Brasil, que só aconteceu em 15 de agosto de 1823, há quase um ano após a Independência das demais regiões do país, ou seja, a do Pará foi única entre as províncias brasileiras a manter vínculo estreito com Portugal após 1822. Em um segundo momento, o movimento da Cabanagem, em 1835, de cunho político nacional liderado pelo povo, que chegou a transferir sua capital para o interior da região (Cameté). Ainda, o período áureo da exploração da borracha, o que constituiu uma fase denominada de *Belle Époque*, na qual a região vivenciou transformações culturais, bem como maior desenvolvimento intelectual. Por fim, há que se atentar para os vários lugarejos paraenses que receberam nomes parecidos com de alguns locais de Portugal, tais como: Alenquer, Almerim, Aveiro, Alter-do-Chão, Barcarena, Beja, Belém, Benevides, Bragança, Breves, Chaves, Faro, Limoeiro, Melgaço, Monte Alegre, Nazaré, Óbidos, Odivelas – São Caetano de, Oeiras, Salvaterra, Santarém, Soure, Vila do Conde, entre outros, que denotam fortes influências da colonização portuguesa nessa província.

Tudo isso nos faz acreditar que haja na Província do Grão-Pará um forte apelo por parte da elite paraense, bem como da portuguesa, à manutenção dos laços lusos. Talvez pelo fato de que essa região, nos anos oitocentos, tinha maior contato e proximidade com as terras portuguesas do que com as demais regiões do Brasil, conforme afirma Clóvis Meira:

O Pará, pela sua posição geográfica, pelo clima e pelo intercâmbio com a Europa, sofreu muito dessa influência quanto os hábitos, a língua e o modo de viver do outro lado do Atlântico. Para os paraenses de outros tempos era bem mais fácil ir à Europa do que ao sul do país. (MEIRA,

1990. p. 19)

Tal assertiva coaduna com a hipótese levantada acerca da necessidade de investigar a persistência e a permanência portuguesa na (in)formação do conteúdo literário em jornais paraenses da segunda metade do século XIX. Assim sendo, Tania Regina de Luca enfatiza que:

De fato, jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita. (LUCA, 2011, p. 140)

Em consonância com Luca, é importante atentar para a intenção com que os textos são publicados haja vista projetos de manutenção de determinada cultura, ideologia, política, literatura, em detrimento daquela que é eclipsada.

### **3.1 Rastros Lusitanos em Jornais *Parauaras***

Para melhor entendimento, fizemos um levantamento de informação acerca dos rastros lusitanos em jornais paraenses, publicados diariamente, na segunda metade do século XIX, tais como: *Diário do Gram-Pará*, *Jornal do Pará*, *Diário de Belém*, *Liberal do Pará*, *Diário de Notícias* e *A Província do Pará*, cujas investigações reforçam a hipótese de que esses periódicos foram instrumentos de circulação e de manutenção da cultura portuguesa na província do Grão-Pará após a independência do Brasil, consoante considerações de Clóvis Meira:

A efervescência cultural e literária no final do século era grande, os jornais tomando parte importante nesse desenvolvimento, não somente por se constituírem em órgãos de divulgação, como pela feita imprimida, o que os tornava dos mais bem elaborados do país: *A Província do Pará*; *O Diário do Gram-Pará*; *O Diário de Notícias*; *A Folha do Norte*, participavam diretamente dos movimentos políticos, sociais e literários. Não há como negar a importância do peso econômico da borracha, o papel que desempenhava na balança comercial do Brasil, a navegação marítima feita diretamente com a Europa e a América do Norte, de onde chegavam companhias teatrais, livros recentemente editados, revistas e jornais, tudo com regular frequência. (MEIRA, 1990. p. 118)

No jornal *A Província do Pará*, de 30 de abril de 1876, foi encontrado anúncio intitulado *Portugal Cabelleira*<sup>3</sup> em que se fazia a divulgação de obra que rememorava as façanhas portuguesas, “que o braço feito às armas, como disse Camões, não se desnervou ainda” perante as mudanças ocorridas na modernidade. Nele o autor convoca a juventude a conhecer os feitos e a tradição de Portugal:

*Portugal Cabelleira* por Alberto Pimentel

Na maior parte dos casos, a cabelleira esconde a velhice, não a velhice amollentada com dolorosos achaques, e indiferente às alegrias do

---

<sup>3</sup> Foram mantidas as grafias daquela época em todos os excertos retirados dos jornais.

mundo, mas a que se sente ainda vividoura, forte, crente, e conlúina com os olhos postos no futuro, a gloriosa serie das façanhas passadas. Portugal está exactamente n'estas condições. Tem a sua velhice de sete séculos, e portanto uma história de setecentos annos. A sua cabelleira representa, como geralmente acontece, antiguidade, commettimentos realizados, aventuras bem succedidas, proezas levadas a cabo, e ao mesmo passo denuncia que não está morto o coração, que o braço feito às armas, como disse Camões, não se desnervou ainda, e que a epopea, das suas conquistas e descobertas não é por emquanto o epitáfio inscripto sobre o tumulo d'um heroe. Ainda bem. Portanto escrevendo sobre o antigo Portugal, ainda florescente, não vamos exhumar um cadáver espetaculoso, sobre doloroso, repugnante, que bastaria a afugentar do conhecimento d'este livro os mais curiosos leitores. Vamos, simplesmente, levantar uma ponta do chinó, esmiunçar, com leveza que obste ao aborrecimento, as paginas de antigos usos, costumes, aventuras, tradições, chronicas. Sentados no velho canapé, que Bocage motejou, conversaremos velharias, soprando cautelosamente o caruncho dos séculos para que nos não empoeire o espirito com nuvens de tedio. Seo author consegue alguns velhos usam rememorar as façanhas da mocidade, haverá conseguido o seu fim, e, se o publico o escutar com aprazimento, dar-se-hia por bem pago de andar rebuscando em pergaminhos bolorentos umas certas antigualhas que explicam muitos costumes modernos.

À venda na Livraria dos Edictores. Tavares Cardoso & C<sup>a</sup>.  
Preço.....2\$000

Como se depreende, há no anúncio da obra portuguesa um apelo à tradição, aos usos e costumes de nossos colonizadores que insistem em “andar rebuscando em pergaminhos bolorentos umas certas antigualhas que explicam muitos costumes modernos” mesmo em um período em que o brasileiro relutava contra a cultura lusa. Alberto Pimentel remonta as proezas lusitanas de mais de setecentos anos que precisam ser rememoradas de modo a servir de exemplo aos mais novos, mormente aos brasileiros.

No mesmo periódico, de 20 de maio de 1876, na coluna Miscellânea encontramos um texto sobre os benefícios da leitura e sua associação com de prazer que o texto pode proporcionar: “lendo-se pela primeira vez um livro, experimenta-se o mesmo prazer que se experimentaria se se adquirisse um novo amigo: relê-lo é um antigo amigo que se recebe”. Apesar de um índice elevado de analfabetos no Pará, os jornais propagavam a importância da leitura para “melhorar” o indivíduo e torná-lo cada vez mais hábil a cada leitura.

A leitura deve ser para o espírito como o alimento para o corpo, moderada, saudável e de fácil digestão.

A leitura é inútil a algumas pessoas: as idéas lhes passam em pé sobre a cabeça.

O amor da leitura é um presente do céu.

Montesquieu dizia que nunca teve tristeza que resistisse a uma hora de leitura.

A leitura encanta os felizes e consola os desgraçados.

Emquanto se pode ler não se é completamente infeliz.

Amar a leitura é fazer uma troca das horas de enjoo por horas deliciosas.

A leitura é um estado mixto entre a conversação e a reflexão, que não tem nem a frivolidade de uma, nem a fadiga da outra, e reúne as vantagens de ambas.

Assim como colhendo rosas temos o cuidado de evitar os espinhos, colhendo dos livros o que n'elles ha de bom devemos evitar tudo o que n'elles ha de nocivo.

Nós lemos para nos tornarmos mais habeis. Se lessemos para nos tornarmos melhores, logo ficaríamos mais habeis.

Lendo-se pela primeira vez um livro, experimenta-se o mesmo prazer que se experimentaria se se adquirisse um novo amigo: relê-lo é um antigo amigo que se recebe.

Os olhos dos espectadores são mais difíceis que os ouvidos do espectador.

Quando uma leitura vos elevar o espirito e vos inspirar sentimentos nobres, não procureis outra regra para julgar da obra.

O fragmento acima ratifica a contribuição dos jornais para com a leitura, mormente nessa província, pois conforme já mencionamos anteriormente, era grande número de periódicos que contribuía com o desenvolvimento da região.

Na mesma coluna, outro texto chamou-nos atenção pelo caráter “espiritoso” – era assim assinalado o texto – com que foram publicadas no folhetim da *Reforma* umas notas do imperador D. Pedro II, em visita a província do Pará:

Espiritoso – O folhetim da *Reforma* figura publicar umas notas a lápis escriptas pelo imperador em viagem, e à propósito do Pará, lê-se o seguinte: Aproximamo-nos de Belém.

Não há muito que foram vencidos os baixos de Bragança.

Baixos de Bragança!

Duas palavras inconciliáveis, por quanto Bragança só tem alturas e altezas...

—

Estamos no Gram-Pará.

Pois sim, senhores, é maior do que eu supunha!

Que importância!

Compreende-se, a vista de tantas cousas gigantescas, aquella caudalosa conta do quinino...

Sim formidável conego; nesta terra tudo deve ser incomensurável!

Arvores que parecem florestas, rios que parecem oceanos!

E o Fausto tão pequenino lá na secretaria do império!

Império dos pigmeus!

—

Saltei.

Vi e gostei. Menos do assahy.

Também Benevides não tem a mínima côr local.

A cidade é bela e está respirando progresso por todos os pôros.

Todavia os administradores atrasam o caminhar desta província...

Si a aurora da regeneração despachasse um pirarucu presidente do Pará... talvez acertasse melhor do que tem acertado...

Manda, porém, o João Alfredo e o José Bento! Dous bagres!...

—

Vamos suspender ferro, e... boa noite!

Deixo o Brasil com saudades.

E deixo-o em má ocasião.  
Ora!... coração à larga e o duque que se aguenta no balanço!  
Sofro uma estafa de metter medo, com este officio de reinar,  
governar e administrar, Inda nas vésperas da viagem tive de ir à  
Jurujuba para mandar remover o lixo, e a garganta de João Ayres  
para decidir um traçado de via férrea!  
Sem metter em linha de conta a nomeação do carcereiro de  
Macacu, que discuti em donselho, fazendo abafar a proposta do  
ministro.  
E muito trabalhar, e isto não vae a matar.  
Divirtamo-nos um pouco.  
Viva o centenário e a exposição!  
E sobretudo a grande nação como se exprimia o ministro do  
império, sem dizer de que tratava!  
Novos ares, novos climas.  
Respiremos a fartar esta brisa saudável!  
Os meus carneiros de Panurgio não arredarão pé do logar onde os  
deixei.  
O vapor sacude o penacho de fumo, e como que está dizendo, na  
mesma língua do poeta:  
“*My native land, good night.*”

As notas do imperador, a propósito da visita ao Pará, publicadas na *Reforma* denotam em tom de ironia as comparações feitas pelo regente às terras paraenses que tem o mesmo nome das terras portuguesas: “Baixos de Bragança! Duas palavras inconciliáveis, por quanto Bragança só tem alturas e altezas...” e “Também Benevides não tem a mínima côr local”. A exigência do Imperador é tamanha a ponto de comparar localidades tão distintas.

Ainda nas notas, o imperador se assusta coma a extensão territorial da província que ele diz ter, para ele, grande importância: “Estamos no Gram-Pará. Pois sim, senhores, é maior do que eu supunha! Que importância!” e mais ainda com a grandiosidade da flora e da bacia hidrográfica da região: “Sim formidável conego; nesta terra tudo deve ser incomensurável! Arvores que parecem florestas, rios que parecem oceanos!”. Pelas notas, percebe-se o espanto e a admiração de D. Pedro II em relação à província.

Outro assunto interessante no comentário do imperador diz respeito ao sistema político, quando pondera: “A cidade é bela e está respirando progresso por todos os pôros. Todavia os administradores atrasam o caminhar desta província...”, parece-nos que o presidente da província não tinha uma boa relação com o governante, pois ele reitera “Si a aurora da regeneração despachasse um pirarucu presidente do Pará... talvez acertasse melhor do que tem acertado...”. E continua irônico ao dizer “Manda, porém, o João Alfredo e o José Bento! Dous bagres!...”, neste fragmento o imperador chega a citar os nomes de dois presidentes da província daquele período de modo a demonstrar sua insatisfação com o governo local.

Enfim, o imperador se despede da província, dando a entender que está deixando o país por hidrovias paraenses, conforme já mencionamos acerca da proximidade com o continente europeu: “Vamos suspender ferro, e... boa noite! Deixo o Brasil com saudades”. E não deixa de queixar-se da viagem e da estafa acometida pelos trabalhos do governo: “Ora!... coração à larga e o duque que se aguenta no balanço! Sofro uma estafa de metter medo, com este officio de reinar, governar e administrar...”.

As notas foram de muita valia, pois vieram confirmar as suspeitas acerca do percurso feito pela navegação no período imperial, da impressão do imperador com a extensão do território paraense, do seu posicionamento sobre a política local, o desabafo sobre o cansaço de governar, entre outras informações.

### **Considerações Finais**

Nas últimas décadas, vários pesquisadores tem se debruçado sobre muitos periódicos de séculos passados ou mesmo aguçado a vista diante de máquinas de projeção de microfilmes em bibliotecas de obras raras, isso porque cada vez mais é constatada a importância de estudos em periódicos como possibilidade de (re)contar a história de uma nação, de uma região ou sociedade. Assim sendo, ratifico a necessidade desse tipo de pesquisa no Pará por perceber o quanto é possível reconstituir a historiografia literária nessa região por meio dos jornais antigos. Alguns levantamentos já foram feitos, contudo, há grande necessidade de continuação, conforme ressalta Clóvis Meira:

O século XIX foi fértil e pródigo para a literatura do Pará. A Academia Paraense de Letras, ao tomar a iniciativa de promover este levantamento, certamente que estará apenas abrindo veredas na densa floresta que permanece adormecida nas páginas dos jornais, das revistas, de livros esquecidos nas empoeiradas bibliotecas. Outros, com o correr dos anos, com mais competência e acutilada inteligência, certamente que juntarão novas pedras ao caminho, novas flores às suas margens, enfeitando-a e engrandecendo-a, pelos séculos futuros. (MEIRA, 1990. p. 126)

As pesquisas realizadas por Germana Sales apontam que ainda há muito a fazer por essa província e que os jornais paraenses são fontes ricas de informação do conteúdo literário. Ademais, o que vimos neste trabalho foi apenas uma amostra do que pode ser encontrado na “densa floresta que permanece adormecida nas páginas dos jornais”. Por meio desses periódicos, informações mais recentes já foram contestadas (a cabanagem, por exemplo), ratificadas ou mesmo se tornaram novidades, portanto, havemos de mobilizarmo-nos para que a história paraense não seja silenciada.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ABREU, Marcia & SCHAPOCHNIK, Nelson. **Cultura Letrada no Brasil: Objetos e práticas**. São Paulo: FAPESP, 2005.
- BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos, 1750-1880**. 12ª ed. São Paulo: FAPESP, 2009.
- COSTA, Maria Lucilena Gonzaga. *Gazeta Oficial* Periódico Paraense Noticioso e Literário do Século XIX. **Dissertação de Mestrado**. Curso de Mestrado em Letras – Universidade Federal do Pará, 2008.
- COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Global, 2004.
- LAJOLO, Mariza & ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1999.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2011.

- MEIRA, Clóvis. **Introdução à Literatura no Pará**. Belém: CEJUP, 1990.
- ROQUE, Carlos. **História geral de Belém Grão-Pará**. Atualização de textos: Antônio José Soares. Belém: Distribel, 2001.
- SALES, Germana Maria Araújo. *Folhetins: uma prática de leitura no século XIX*. In: **Entrelaces - Revista do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFC**, nº 1, p. 44-56, agosto/2007.
- SERRA, Tânia Rebelo Costa. **Antologia do romance de folhetim (1839 a 1870)**. Brasília: Ed UNB, 1997.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- TEIXEIRA, Francisco Maria Pires. **História concisa do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Global, 2000.